



O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 12 DE MARÇO.

A assembléa geral do banco, que estava convidada para a casa do risco, reuniu-se ha dias no edificio do mesmo banco. Teve logar a mudança de local porque houve quem lembrasse que estando ainda polluta a casa do risco pelas bacchanaes cabralistas, convinha não dar a este entremez character faccioso embora os actores fossem os mesmos.

O governo, como o *Espectro* ha dias declarára, propozera que a amortisação mensal das notas do banco fosse de 50 contos em vez de 18, e que em logar de entrarem na totalidade dos pagamentos, só podessem entrar em metade, sendo a outra parte em metal.

A assembléa annuiu ás propostas do governo, exigindo somente que os 32 contos de réis que vão acima dos 18 para completar os 50 fossem pagos pelo thesouro á conta da sua vida.

Assim se arranjarão os negocios a contento de ambas as partes. O governo luera alguma cousa: o banco não perde nada, e o publico fica logrado como d'antes, se não alguma cousa mais.

As contribuições que até aqui eram pagas em notas se-lo-hão d'ora em diante parte em notas e parte em metal, mas a maior parte em metal por causa dos minimos, salvo se o contribuinte de 1\$500 rs. (por exemplo) preferir dar 750 em metal e 1\$200 em papel, offerecendo o excesso como *donativo* em beneficio da fazenda.

O banco como não é obrigado a pagar á vista as suas notas nenhum interesse tem já no curso forçado. A fabrica trabalha sempre, e como o papel não é muito caro, em quanto durarem as seis arrobas que se despacharam, e não causar a mão aos directores, temos notas e mais notas. As despesas da produção sempre ellas a cobrem. Quem as tiver que as rasgue, e que se reveja no carimbo — *Val como prata* ainda que não valha senão como trapo.

A consequencia disto é que como os senhores da direcção entregaram toda a prata ao Costa Cabral, que se está rindo á nossa custa na Hespanha, como d'aquí a pouco o hão de fa-

zer os actuaes ministros, e havendo um diluvio de notas, quem quizer fazer algum pagamento vai levar parte dellas ao mercado para as trocar por prata, o que sem duvida augmentará o agio, como aconteceu logo que se soube a deliberação do banco excedendo já o desconto a 1\$600 rs.

Eis-aqui no que dão todas as politicas da famosa noite de 6 de Outubro. É uma instabilidade constante, que prejudica todas as transacções, que affecta todos os interesses, que arruína milhares de familias, e que faz da incerteza um estado permanente.

As forças do conde de Mello estavam no dia 4 em Portalegre e Marvão. — O barão da Foz e Shwalback não ousavam aproximar-se a ellas. Foi interceptado um officio do Shwalback, pelo qual se conhece o receio com que elle está das forças do nobre conde.

O *Diario* fallou ha dias no seu codigo. O *Espectro* vai declarar o que esse codigo significa.

O codigo cabralista é o despotismo, o assassinato, o roubo, a desfloração. É o insulto á moral e aos costumes, é a corrupção desde o primeiro elo da cadeia social até ao ultimo.

Quando se fallava na demissão do sujo ministro Souza Azevedo por influencia cabralista, o sr. Roma foi ao paço, e com os livros da companhia confiança na mão, mostrou os roubos que Costa Cabral (o compadre da rainha) tinha commettido. Alli se viu que por este decreto recebera *tanto* por aquelle *tanto* e assim por diante. O mesmo sr. Roma confessou terem passado das suas mãos para as do ministro corrupto aquellas sommas.

O Souza Azevedo era tão venal como os Cabraes. Nestes a bossa do roubo é familiar. Um que foi correio assistente em Vizeu roubava 5 réis e 10 réis em cada carta.

Não somos nós os liberaes os que denunciámos estes roubos. N'uma carta interceptada, e

que era dirigida a Costa Cabral, lê-se o seguinte :

« Calumniam a V. exc.^a, enchem-no de virtuperios, e asseveram que V. exc.^a levava interesses em todos os contractos, e era convente em tudo quanto se lhe offerecia para receber dinheiro!!! Isto mesmo tem espalhado no paço aos Domingos á noute, quando alli nos ajuntamos, e a SS. MM. já lhes tem constado isto mesmo a ponto de el-rei ter dito que V. exc.^a perdeu-se com ser conde.»

Na mesma carta se falla da partilha que houve no roubo do abatimento no preço do contracto do tabaco, e no da junção do banco com a confiança, de sorte que podemos dizer com affouteza, e firmados no testimonho da gente da situação que não póde ser suspeita — que o programma cabralista que nos rege é o despotismo e roubo.

Appareceu por ahi ha dias uma proclamação dos cabralistas puros, em que se diz isto mesmo. Vamos publica-la. É preciso que o mundo saiba estas torpezas. É preciso ouvir o que Souza Azevedo e o Roma dizem dos Cabraes, assim como o que os Cabraes dizem do Souza Azevedo e Roma. Conheçemo-los assim uns pelos outros.

Avaliando desta sorte os homens da situação devemos tambem examinar o que tem feito o exercito da rainha e o nosso. N'um excellente artigo do *Nacional* achamos feito o parallelo. Em seguida pois publicamos dois documentos — a proclamação cabralista e o artigo da folha do Porto. Depois disto quem não ficará conhecendo o codigo do *Diario*? Ei-los ahi :

(Proclamação cabralista.)

« Amigos! Já lá vai o Souza Azevedo; parabens! É verdade que se soube arranjar, e ficou f'artinho—40 contos do Roma e companhia pelo famoso decreto da união do banco e confiança, 20 contos pelo augmento do preço do tabaco, cinco mil e seiscentas libras esterlinas pela restituição gratuita aos inglezes da decima já paga e consumida, são parcellas que fazem uma conta callada; porém como já lá vai, deixa-lo com as suas intriguinhas palmellistas e miguelistas. . . mas olho nelle! — até que lhe chegue o seu dia. . . que deve chegar mui breve. . .

Mas o Roma!? este malvado, causa principal de todas as nossas desgraças financeiras ha de assim ficar? Elle ahi está preparando novos infortunios ao paiz! — elle ahi anda maneando tropeços ao novo ministro da fazenda! elle ahi trasteja contra os infelizes, promovendo a subida do desconto das notas! — elle ahi ameaça de sugar até a ultima gota do sangue do infeliz povo! . . . E havemos de consenti-lo? — não, não, não! Esse maldito Roma, e os seus

socios, que fujam d'entre nós, e senão. . . . mas não se fique em ameaças; mãos á obra! . . .

Amigos! o Souza Azevedo já lá vai; e não se fará alguma cousa a favor dos cartistas e contra os nossos inimigos? E não se mandará tropa e dinheiro ao invicto Saldanha? E não se fará acordar do somno vergonhoso em que jazem os generaes do Alemtêjo? E não se acudirá ao Algarve? E os alliciadores ainda passearão impunes? E os miguelistas ainda nos ameaçarão? E o nunca assaz louvado marquez de Fronteira ainda continuará a ser enganado? E a policia ainda será o que tem sido? — Não o consintaes, amigos! não o consintaes! . . . — Morram os traidores! — Viva a rainha! — Viva a carta! — Viva el-rei! — Viva o Saldanha! — Viva o Fronteira! »

(Artigo do *Nacional*.)

« Porto 4 de Março. — Um general digno deste nome respondê sempre perante a humanidade, e perante a historia pelos crimes de seus soldados.

O conde das Antas póde gabar-se de que todas as forças do seu commando são o modêlo da disciplina e da subordinação. Por toda a parte por onde marcham nossos batalhões os povos lhe sahem ao encontro a recebe-los e festeja-los como seus libertadores. Do pouco que ajuda lhe resta o povo reparte liberalmente com os soldados defensores da patria.

Não ha um unico exemplo de um unico excesso, de um unico delicto praticado contra os povos por nossos soldados.

Nossos prisioneiros de guerra tem sido tratados com uma humanidade que muito honra a civilização do partido nacional. Ahi está o duque da Terceira e seus companheiros prisioneiros de guerra, que no momento em que os Caracals de Lisboa perpetravam a mais inaudita barbaridade contra os generaes mais distinctos do exercito constitucional — contra os mais valentes camaradas de D. Pedro, foram mudados para uma melhor prisão, adornaram-se os quartos que os haviam de receber. Em vez de represalias, a junta vingou-se pela nobreza e pela generosidade. E não foi para envergonhar os sicarios da tyrannia, porque elles não são susceptiveis de vergonha — foi porque assim o exigia a indole do partido liberal. Basta-lhe a consciencia de ter feito uma bella acção, o juizo da Europa, o da historia, e o da posteridade.

Castro d'Aire fez 86 prisioneiros. Mendes Neuvel 178. Nem uma só injuria soffreram os infelizes, que a sorte da guerra fez nossos prisioneiros.

Quando o Casal duas vezes se aproximou dos muros desta cidade invencivel, a junta fez prender muitos dos conspiradores — e logo que o general inimigo se retirou os poz em liberdade.

Os presos tem todas as consolações que são compatíveis com a sua segurança.

Vejamos agora o que tem feito os chefes da facção cabralista. — Casal fez assassinar um Constantin o patriota Veiga, tão distincto por seus serviços durante o primeiro cerco do Porto, e mais 11 dos seus companheiros. Na Agrella assassinou o povo inerme. Vinhaes assassinou os prisioneiros de Villarandello, e Soutellino. Tratou impiamente a generosa officialidade prisioneira depois da traição de Val Palsos. Casal, não podendo matar as guerrilhas armadas de Mac-Donel, matou trezentos cidadãos pacíficos de Braga. Vinhaes fez assassinar fóra do combate, Mac-Donel quando entregava a sua espada. O Saldanha fez caminhar a pé as maiores illustrações, e a officialidade mais distincta de Torres Vodras; roubou-lhes as suas bagagens; lançou-os em prisões infectas; privou os dos recursos de suas familias, e depois sem processo, nem fóra de justiça os mandou para os sertões da Africa.

Lapa, já tinha assassinado na Estremadura, e agora na Beira em nada se distinguiu, em crueldade, e ferocidade, dos dois assassinos, e ladrões Marçal, e Fieschi.

Saldanha acaba de commetter na Bairrada dez fuzilamentos, cortando as mãos e tirando os olhos em vida aos prisioneiros de guerra.

O facinora Caldeira Pedroso irritado por ser batido em Cabeça de Moura pelo tenente coronel Alves — assassina o povo inerme de Ceres que lhe fugia — matou entrevados, septuagenários, e fez por seus soldados violar meninas de dez e doze annos.

Lapa fez outro tanto na Beira.

Do roubos não ha já que fallar — são quadri-lhas desalmadas que não deixam um bocado de pão ao pobre povo.

Deos não hade consentir que o Cabrera portuguez, o homem mais corrupto, mais desalmado, mais sanguinario de Portugal possa por muito tempo assolar assim o seu paiz — alaga-lo de sangue innocente — profanar os templos com as desflorações das donzellas. Este crime é imperdoavel n'um homem que é marido e pai. Ao pé deste monstro, José Cabral é um homem honesto — José Virissimo um philantropo — Torquemada um santo — e Cabrera um Howard ou um Penny. — Deos o castigará! Não é possível que o Altissimo consinta que um malvado destes venha trazer ao seu paiz, que o não tinha offendido, uma guerra de exterminio, só pelo prazer de ganhar algum dinheiro mais para desbaratar em monumentos de tolice e de máo gosto. — Catilina era um excellente cidadão ao pé deste Sejano — que d'uma rainha — que era querida como Tito — fez um Nero implacavel; — que d'um reino livre quer fazer uma terra escrava — que de um povo derramou ondas de sangue — e não contente com isso matou entre tratos

de exquisita crueldade, e depois de assassinar e matar os pais, fez desflorar as suas filhas por seus impios soldados.

Deos, Deos! confiemos em Deos!



O *Diario* publicando a sessão de 18 do passado na camara dos lords em Inglaterra alterou-a; e mutilou-a á sua vontade. O *Espectro* supprirá as omissões da folha official:

« Lord Beaumont disse que o governo britannico devia obrigar o portuguez a collocar os prisioneiros de Torres Vedras na posição que lhes competia como prisioneiros de guerra, seguindo as estipulações assignadas pelo Saldanha. Que se faltára a estas estipulações solemnes mandando-os para Angola acamados n'um pequeno brigue sem processo e sem sentença, e n'uma condição peor que a dos negros n'um navio de escravatura. Que assim como a esquadra ingleza cumpria o seu dever se livrasse a rainha da perseguição popular no caso de lhe ser preciso este soccorro, dando-lhe protecção á sombra da bandeira britannica, da mesma sorte pedia a stricta neutralidade que livrasse da perseguição do ministerio aquellas pessoas cuja vida perigasse.

« O marquez de Lansdowne disse que o governo britannico só podia dar conselhos, e que isso fizera; e que estes conselhos foram dados no interesse da causa da rainha, que sempre o tem em não provocar a irritação publica, mas que não podia fazer mais cousa alguma em quanto a presente lucta tivesse, como tinha, todo o caracter de guerra civil.

« O conde de Ellenboroug confessou que não achava constitucional o primeiro acto da rainha de Portugal — o acto que provocára esta guerra. Que a rainha prendera o ministerio Palmella até formar o novo (vozes, ouçam, ouçam). Que os novos governos representativos commettiam mais violações dos principios constitucionaes e da liberdade pessoal do que o despotismo mais barbaro. Que as representações e os conselhos ao governo portuguez eram uma mera farça se não se fizesse saber que se procederia de outra maneira no caso de semelhantes representações e conselhos não serem attendidos. Que se taes representações importavam simples desejos, como cousa de favor para os prisioneiros, ou materia de credito para o governo de Portugal, de que aquellos desafortunados cavalheiros não fossem soffrer uma morte affrontosa nas costas de Africa, S. s.^{as} deviam estar certos de que taes representações não seriam attendidas. Mas que se se tivesse declarado, que no caso de tal acontecer á representação, official, ou não official, do nosso ministro, sir W. Parker se retiraria do Téjo, outro teria sido o procedimento do governo portuguez, Que longe de pensar

que a esquadra ingleza no Têjo podia ser considerada como um auxilio do nosso governo aos insurgentes, elle (conde de Ellenbourg) acreditava que se não fosse a presença desta esquadra, já a rainha de Portugal se teria encontrado com D. Miguel em Londres (vozes, ouçam, ouçam, riso). Que era esta esquadra a que conservava a rainha sobre o throno, e que se ella salissee do Têjo, o exercito popular entraria n'um dia em Lisboa (vozes, ouçam, ouçam.)

Eis-aqui como na Inglaterra se avalia o procedimento do governo de Lisboa. A nossa causa acha sympathias em toda a parte.

PARTE OFFICIAL CURIOSA.

Illm.^o e exm.^o sr. — S. M. el-rei commandante em chefe do exercito, me encarrega de dizer a V. ex.^a que é de absoluta necessidade que a columna do seu commando não fique inactiva por mais tempo, não só pelo desfallecimento que produz nos povos dessa provincia, mas pelo mau effeito que em geral causa o ficar estacionaria n'um só ponto, abandonando o resto do paiz ás extorsões e violencias dos rebeldes. — Deos guarde a V. ex.^a — Quartel general no paço das Necessidades, 6 de Fevereiro de 1847. — *Barão de Sarmento*, ajudante general. — Illm.^o e exm.^o sr. visconde de Setubal.

Estado maior general. — Repartição do ajudante general. — Divisão. — Illm.^o e exm.^o sr. S. M. el-rei, commandante em chefe do exercito, em vista da explicação que V. ex.^a dá na primeira parte do seu officio do 1.^o do corrente, ficou inteiramente convencido das boas intenções com que V. ex.^a no seu anterior officio de 16 de Janeiro, havia lembrado os fundos da casa de Bragança no Roneão; intenção de que o mesmo augusto sr. jámais duvidou, mas que suggeriram as observações feitas no officio desta repartição de 23 de Janeiro, por falta de conhecimento das transacções que fazem objecto da sobredita explicação. Quanto porém a criação d'um deposito de recrutas em Elvas, muito recommendada a V. ex.^a no citado officio de 23 de Janeiro, ordena-me S. M. elrei, de dizer a V. ex.^a que é indispensavel que desde logo se

forme, cumprindo a V. ex.^a de accordo com o governador da praça de Elvas, e com as auctoridades administrativas, empregar todos os meios que a prudencia e circumstancias aconselharem, para obstem quanto possivel a que se verifiquem as apreensões pouco favoraveis que V. ex.^a tem a respeito desta medida, como pondera no mencionado officio; e para que se alcance o resultado que convém; isto é, augmentar a força publica. — Deos guarde a V. ex.^a — Quartel general no paço das Necessidades em 8 de Fevereiro de 1847. — *Barão de Sarmento*. — Illm.^o e exm.^o sr. visconde de Setubal.

Ministerio do reino. — 3.^o direcção. — 1.^a repartição. — Foram presentes a S. M. a rainha os dois officios do governo civil de Portalegre datados de 30 de Janeiro ultimo, e 6 do corrente, sendo aquelle por 2.^a via; e ficando a mesma augusta senhora sciente do seu contheudo: manda pela secretaria d'estado dos negocios do reino significar-lhe, que está certa de que elle como auctoridade zelosa e protectora empregará todos os meios suavorios a seu alcance para terminar toda e qualquer desintelligencia que possa haver entre os habitantes de Elvas, e o batalhão de Beja, procurando que o commandante deste lhe faça guardar a maior disciplina, e que aquelles se prestem de boa vontade aos pequenos sacrificios, que as circumstancias do tempo exige. Sobre tudo é necessario descobrir quem são os individuos que de proposito instigam a gente da cidade a malquistar com ella as praças do batalhão, e estas com aquella para sobre os verdadeiros criminosos cahir a espada da lei — porque no momento em que a boa intelligencia e harmonia é necessaria, todo o desvio acintoso della deve ser punido.

Quanto ao cavalleiro que se lhe offereceu para entrar em Elvas com alguma gente para defeza da causa em que a nação está empenhada, bem fez o governador civil em se dirigir ao commandante da divisão, de quem esperará instrucções a este respeito. — Paço das Necessidades em 8 de Fevereiro de 1847. — *Visconde d'Oliveira*.

Está conforme. — Quartel general da 7.^a divisão militar em Evora, 13 de Fevereiro de 1847. — *Barcellos*, chefe d'estado maior.